

**MATERIAL DA
FORMAÇÃO NA ESCOLA
NOVA CONQUISTA**

A Cartomante de Machado de Assis

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se

lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras.

Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor de feminina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhetinho. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e

pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas. Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rerear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginarmente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela

conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não lia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e peçadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Andai agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se... ?

Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca; os degraus comidos dos pés; o corrimão pegajoso; mas ele não, viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Daí subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para o

telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...



A Vida pelo Telefone

Walcyr Carrasco

Como salvar em ligações simultâneas a namorada e o emprego

Durante meses, eu e um amigo nos falamos por telefone. Sempre reclamávamos da escassez de encontros pessoais.

- Precisamos nos ver! – ele dizia.

- Vou arrumar um tempinho! – eu prometia.

Posso ser antiquado, mas acredito que nada substitui o olho no olho. A expressão, o jeito de falar, a gargalhada espontânea, tudo isso dá nova dimensão ao relacionamento. Cumpri minha promessa e fui a seu apartamento. Nos primeiros dez minutos, falamos da vida como não fazíamos havia bastante tempo. Em seguida, tocou o telefone.

- Um momento.

Iniciou-se uma longa discussão sobre quem compraria os ingressos para um espetáculo. Já estava desligando quando se ouviu o celular. Pedi licença no telefone e atendeu. Era alguém discutindo um problema profissional. Depois de duas respostas, meu amigo disse que, como o assunto era complicado, ia terminar um telefonema e ligaria em seguida. Falou rapidamente com a primeira pessoa, desligou e voltou ao celular. Foi a vez do bip, que tocou insistentemente. Pedi descul-

pas, foi ver a mensagem. Recado urgente para chamar determinada pessoa. Novamente, trocou mais algumas frases ao celular. Desligou. Pediu-me novas desculpas. Ligou para quem o havia bipado. Mais questões de trabalho. Quando anotava alguns detalhes, a linha, digital, anunciou que mais alguém estava querendo ligar. Pedi licença e atendeu a outra linha. Olhou para mim e murmurou desculpas. Combinou rapidamente os detalhes de uma festa-surpresa no fim de semana. Foi fazer um café, com o sem-fio acoplado à orelha. Volta o celular. Ele tenta botar o pé no coador, com um aparelho em cada orelha, e falando nos dois ao mesmo tempo.

- Não, querida, eu tentei ligar para saber se você queria ir ao espetáculo com a gente! Mas só deu ocupado... O quê? Não, senhor, não estou falando com o senhor, chefe, puxa vida... Claro que o senhor levou um susto... Eu falando assim, querida ... Há, há, há,... Pois é, meu amor... Meu amor é ela, chefe ... Eu quero que você vá, sim, ao show... Eu dou um jeito ... Sim, dou um jeito de terminar o relatório até segunda, chefe ... Ah, o senhor também quer ir ao show? Bem, eu posso ver se consigo mais entradas e ... Ah, certo ... Meu



bem, não fique nervosa, não vou trabalhar no fim de semana, é só um relatório, mas é claro, chefe, vou fazer o relatório o melhor que puder ... Oh, meu Deus!

Corri para ajudar com o café, enquanto ele tentava salvar o emprego e a namorada ao mesmo tempo. Quase engoliu o celular. Quando terminou, sentou-se exausto. Nesse segundo, alguém ligou e ele lamentou-se longamente :

- Imagine que ela me pressionou justamente quando eu estava falando com meu chefe ao telefone, e ele ouviu tudo e pelo jeito que respondeu eu ...

Olhei meu talão de cheques e disquei para verificar o saldo. Aproveitei para falar com dois amigos. Quando terminava, ele sentou-se na minha frente, pálido, mas calmo, com a bandeja e as xícaras. Em dois rápidos chamados, havia se justificado com ela e se desculpado com ele. Mal pôde perguntar se eu queria açúcar ou adoçante. Entrou um fax.

- Deixa eu ver o que é, pode ser importante.

Terminou de ler e alguém ligou para saber se tinha recebido. Em seguida, ligou para confirmar alguma coisa que fora escrita na mensagem. Não pôde terminar porque o celular gritou novamente. Meu estômago roncou de fome. Levantei-me. Ele fez sinal para que eu me sentasse.

- Já estou terminando. Só preciso mandar um bip.

Observei o relógio demoradamente. Aproveitei o intervalo entre o bip e um novo

telefonema para dizer bem depressa :

- Preciso ir. Depois eu ligo.

Sorriu, satisfeito.

- Então me chame depois. Mas não esqueça, hein?

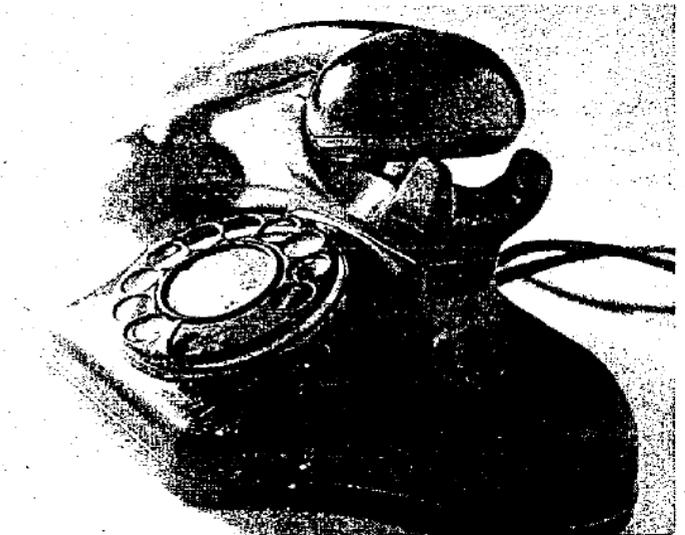
- Mando um e-mail e você me responde. Assim o papo fica melhor.

Gostou da idéia, sem perceber a ironia. Pediu mais um minutinho no telefone, dizendo que ia me levar até a porta e já voltava. Comentou, já tranqüilo:

- Nossa, como a gente tem coisas para falar. Você ficou mais de duas horas aqui e nem botamos tudo em dia.

Repuxei os lábios, educadamente. Certas pessoas estão grudadas aos telefones, celulares, bips e e-mails. Inventou-se de tudo para facilitar a comunicação. Às vezes acredito que, justamente por causa disso, ela anda se tornando cada vez mais difícil.

Veja São Paulo, 19 de abril de 2000.



Cultura e humanização¹

Maria Lúcia Aranha, Maria Helena Pires Martins

As diferenças entre o homem e o animal não são apenas de grau, pois, enquanto o animal permanece mergulhado na natureza, o homem é capaz de transformá-la tornando possível a cultura. O mundo resultante da ação humana é um mundo que não podemos chamar de natural, pois se encontra transformado pelo homem.

A palavra cultura também tem vários significados, tais como o de cultura de terra ou cultura de um homem letrado. Em antropologia cultura significa tudo o que um homem produz ao construir sua existência; as práticas, as teorias, as instituições os valores materiais espirituais. Se o contato que o homem tem com o mundo é intermediado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo em um determinado tempo ou lugar. Dada a infinita possibilidade de simbolizar, as culturas dos povos são infinitas e variadas.

A cultura é, portanto, um processo de alta liberação progressiva do homem, o que caracteriza como um ser mutação, um ser de projeto, que se faz a medida que transcende que ultrapassa a própria experiência.

Quando o filósofo contemporâneo GUSDORF diz que "o homem não é o que é, mas é o que não é" não está fazendo um jogo de palavras. Ele quer dizer que o homem não se define por um modo que o antecede, por um essência que o caracteriza, nem é apenas o que as circunstâncias fizeram dele. Ele se define pelo lançar-se no futuro antecipando, por meio de um projeto sua ação consciente sobre o mundo.

Não há caminho feito, mas a fazer, não há modelo de conduta, mas um processo contínuo de estabelecimento de valores. Nada mais se apresenta como absolutamente certo e inquestionável.

É evidente que essa condição de certa forma fragiliza o homem, pois ele perde a segurança característica da vida animal, em harmonia com a natureza.

Ao mesmo tempo, o que parece ser sua fragilidade é justamente a característica humana mais perfeita e mais nobre; a capacidade do homem de produzir sua própria cultura.

¹ Texto Extraído do livro: *Filosofando*. São Paulo: Editora Moderna. 1993.



Eu, etiqueta

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome ...estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nessa vida,
Em minha camiseta, a marca de cigarro
Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,
Trocá-la por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia
Tão diverso dos outros, tão mim mesmo,
Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes

De sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio
Ora vulgar ora bizarro:

Em língua nacional ou em qualquer língua
(Qualquer, principalmente.)
E nisto me comprazo, tiro glória
De minha anulação.
Não sou – vê lá – anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender
Em bares festas praias pérgulas piscinas,
E bem à vista exibo esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália de uma essência
Tão viva, independente,
Que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
Meu gosto e capacidade de escolher,
Minhas idiossincrasias tão pessoais,
Tão minhas que no rosto se espelhavam
E cada gesto, cada olhar,
Cada vincó de roupa
Sou gravado de forma universal,
Saio da estamperia, não de casa,
Da vitrine me tiram, recolocam,
Objeto pulsante mas objeto
Que se oferece como signo de outros
Objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade, in: *Jornal do Brasil*,
16-01-1982, Rio de Janeiro, Caderno B.

A mercantilização da cultura

"O objeto da arte, tal como qualquer outro produto, cria um público capaz de compreender a arte e de apreciar a beleza. Portanto, a produção não cria somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto."

(Karl Marx)

Atualmente, notamos em nosso cotidiano, o papel exercido pelos meios de comunicação de massa¹ (Rádio, TV, imprensa escrita), que são utilizados, de maneira bastante marcante, na construção e reprodução de idéias e valores. Isto pode ser verificado nas formas e conteúdos das mensagens veiculadas.

Através de um discurso que aparentemente incorpora as diversidades culturais, promove-se a padronização crescente de visões de mundo que neutralizam conflitos e naturalizam as leis do mercado. Leis essas que são estendidas a toda e qualquer atividade humana, incluindo a área de educação e as atividades culturais de modo geral.

A conseqüência mais evidente deste processo de homogeneização hibridizada - processo este que uniformiza os discursos a partir de uma mescla de estilos e visões, conformando um "ecletismo" que torna característico um modo de pensar e agir -, é o são as implicações nas opiniões sobre a política, a economia e os fenômenos sociais em curso, explicados de maneira relativizada, restringindo-se as análises aos aspectos particulares, dissociados dos processos macroeconômicos e sociais.



Temos dificuldade de identificar claramente os limites que separam ou interpenetram programas culturais, de entretenimento, informativo/jornalístico e a publicidade e o marketing.

Neste cenário, a guerra parece uma telenovela - pela forma melodramática como é abordada -; a telenovela subordina o enredo da trama ficcional às estratégias para disseminar novos padrões de consumo, exibindo as marcas de seus patrocinadores; o noticiário apresenta informações compartimentadas e com um claro viés mercadológico na medida em que enfatizam elementos que garantam o aumento da audiência.

Mesmo as produções culturais de raízes locais ou regionais (o frevo, o cordel, as festas juninas, etc.), são tomadas muito mais como produtos para fomentar o turismo, do que expressão da cultura de um povo, sendo incorporadas na roda viva da lucratividade, da mercantilização da cultura.

Assim, marketing e publicidade ganham lugar central, como grandes promovedores das produções artísticas, incluindo as culturas locais produzidas por determinado segmento da sociedade que são apropriadas e ressignificadas, dependendo de seu potencial de penetração no mercado. Desta maneira a arte, mais do que nunca, e de forma crescente, transforma-se em produto altamente desejado por milhares de pessoas na medida em que se torna um bem para marcar diferenças sociais e transmitir mensagens, conotando status e a sensação de inclusão, de inserção social.

Desta forma, a vinculação crescente, sob novas formas, entre cultura e grandes negócios, faz parte da tendência atual. Uma série de incentivos por parte dos governos, sob a forma de redução ou isenção fiscal para as empresas, favorecem os grandes investimentos na área musical, cinematográfica, das artes em geral. Um exemplo é a promoção de mega exposições de pintores clássicos, com acesso gratuito que permite que um público, antes não contemplado, tenha "passagem" por este tipo de evento. No entanto, isso não significa acesso a cultura ou a configuração de um processo de democratização dos bens culturais que tenha como objetivo possibilitar a apropriação de novos conhecimentos, mas trata-se de um meio eficaz de disseminar marcas e ampliar o mercado consumidor das empresas patrocinadoras.

Os programas de entretenimento funcionam com um forte apelo propagandístico, na medida em que lançam estereótipos de estilos de vida e modos de ser, através das marcas que expõem naturalmente em suas tramas ficcionais. Em nome da diversidade, constrói-

se mercados segmentados, ou mesmo surgem novas apropriações e combinações de signos que apelam a um público "heterogêneo". Mais do que ter, é necessário criar novos desejos. A velocidade que este processo alcança nos dias atuais é tomado como sinônimo de progresso justificado pelos avanços tecnológicos e pelo discurso da democratização da informação, fundido paradoxalmente com a barbárie da miséria e da violência presentes na realidade da população, apresentada diariamente.

Texto elaborado por Rosana Miyashiro Fahl, Assessora da Secretaria Nacional de Formação da CUT - Núcleo de Educação do Trabalhador

1 O fenômeno da industrialização da cultura no século XX, especialmente após a 2ª Guerra Mundial, é bastante discutido por autores da chamada Escola de Frankfurt, que trataram sobre o tema da alienação da arte decorrente da alienação promovida pela divisão social do trabalho no modo de produção capitalista, considerado no marco da produção fordista e a emergência do consumo em massa naquele período.





Curso intensivo de Incomunicação

O direito de expressão é o direito de escutar?

(...)

A televisão aberta e a cabo, a indústria cinematográfica, a imprensa de tiragem massiva, as grandes editoras de livros e de discos e as emissoras de rádio de maior alcance também avançam, com botas de sete léguas, para o monopólio. O *mass media* de difusão universal puseram nas nuvens o preço da liberdade de expressão: cada vez são mais numerosos os opinados, os que têm o direito de ouvir, e cada vez são menos numerosos os opinadores, os que o têm direito de se fazer ouvir. Nos anos seguintes à segunda guerra mundial, ainda tinham ampla ressonância os meios independentes de informação e de opinião e as aventuras criadoras que revelavam e alimentavam a diversidade cultural. Em 1980, a absorção de muitas empresas médias e pequenas já deixara a maior parte do mercado planetário na posse de cinquenta empresas. Desde então, a independência e a diversidade se tornaram mais raras do que cachorro verde.

(...)

A diversidade tecnológica quer significar diversidade democrática. A tecnologia põe a imagem, a palavra e a música ao alcance de todos, como nunca antes ocorrera na história humana, mas essa maravilha pode se transformar num logro para incautos se o monopólio privado acabar impondo a ditadura da imagem única, da palavra única e da música única. Ressalvadas as exceções, que afortunadamente existem e não são poucas, essa pluralidade tende, em regra, a nos ofe-

recer milhares de possibilidades de escolher entre o mesmo e o mesmo. Como diz o jornalista argentino Ezequiel Fernández-Moore, a propósito da informação: "Estamos informados de tudo, mas não sabemos de nada."

(...)

Na aldeia global do universo midiático, misturam-se todos os continentes e todos os séculos simultaneamente: "Somos ao mesmo tempo daqui e de todas as partes, isto é, de nenhuma", diz Alain Touraine, a propósito da televisão: "As imagens, sempre atrativas para o público, justapõem a bomba de gasolina e o camelo, a Coca-Cola e aldeia andina, os *blue jeans* e o castelo principesco". Acreditando-se condenadas a escolher entre a cópia e o isolamento, muitas culturas locais, desconcertadas, desgarradas, tendem a desaparecer ou a se refugiar no passado. Com desesperada frequência, essas culturas locais buscam abrigo nos fundamentalismos religiosos ou em outras verdades absolutas, negadoras de qualquer verdade alheia: propõem o regresso aos tempos idos, quanto mais puritanos melhor, como se as únicas respostas possíveis à modernidade avassalante fossem a intolerância e a nostalgia.

(...)

Com os países pobres ocorre o mesmo que ocorre com os pobres de cada país: os meios massivos de comunicação só se dignam a lhes dar atenção quando são personagens de alguma desgraça espetacular que possa ter sucesso no mercado. Quantas pes-



soas devem ser despedaçadas pela guerra ou por um terremoto, ou afogadas por uma inundação, para que alguns países sejam notícia e apareçam uma vez no mapa do mundo? Quantos espantos deve acumular um morto de fome para que as câmeras o focalizem uma vez na vida? O mundo tende a se transformar no cenário de um gigantesco *reality show*. Os pobres, os desaparecidos de sempre, só aparecem na tevê como objeto de zombaria da câmera oculta ou como atores de suas próprias truculências. O desconhecido precisa ser reconhecido, o invisível quer tornar-se visível, procura a raiz o desenraizado. O que existe na televisão, existe na realidade? Sonha o paria com a glória da telinha, onde qualquer espantailho se transfigura num galã irresistível. Para entrar no olimpo onde os teledeuses moram, um infeliz seria capaz de dar-se um tiro diante das câmeras de um programa de entretenimento. Ultimamente, a chamada *telexo* está tendo, nuns quantos países, tanto ou mais sucesso do que as telenovelas: a menina estuprada chora diante do entrevistador, que a interroga como se a esturprasse outra vez; este monstro é o novo homem elefante, olhem só, senhoras e senhores, não percãem esse fenômeno incrível; a mulher barbuda procura noivo; um senhor gordo garante estar grávido. Há trinta e poucos anos, no Brasil, os concursos de horror já atraíam multidões de candidatos e conseguiam enormes tele-audiências. Quem era o anão mais baixo do país? Quem era o narigudo de nariz mais comprido, ao ponto de não molhar os pés debaixo do chuveiro? Quem era o mais desgraçado entre os desgraçados? Nos concursos de desgraçados, apresentava-se no palco o cortejo dos milagres: uma menina sem orelhas, que tinham sido comidas pelos ratos; o débil mental que passara trinta anos acorrentado ao pé da cama; a mulher que era filha, cunhada, sógra e esposa do marido bêbado que a tomara inválida. E cada desgraçado tinha sua torcida, que da platéia gritava em coro:

- Já ganhou! Já ganhou!

(...)

Os pobres ocupam também, quase sempre, o primeiro plano da crônica policial. Qualquer suspeito pobre pode ser impunemente filmado e fotografado e humilhado quando detido pela polícia, e assim as tevês e os jornais ditam a sentença antes que se abra o processo. Os meios de comunicação condenam previamente, e sem apelação, os pobres perigosos, como previamente condenam os países perigosos.

(...)

Os meios de comunicação refletem a realidade ou a moldam? O que vem do quê? O ovo ou a galinha? Como metáfora zoológica, não seria mais adequada a da cobra que morde o rabo? Oferecemos às pessoas o que as pessoas querem, dizem os meios de comunicação, e assim se absolvem, mas tal oferta, que responde à demanda, gera cada vez mais demanda da mesma oferta: faz-se costume, cria sua própria necessidade, transforma-se em soma. Nas ruas há tanta violência quanto na televisão, dizem os meios de comunicação. Mas a violência deles, que expressa a violência do mundo, também contribui para multiplicá-la.

Galeano, Eduardo. De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 1999.



**MATERIAL TRAZIDO
PELOS PROFESSORES**

PETER ARNETT, O ANJO CAÍDO DA TELEVISÃO

Professor Josemar (Yhannes)

A notícia caiu como uma daquelas bombas que atingiram o coração de Bagdá. No dia 31 de março, a rede de televisão NBC e a empresa National Geographic, que edita a revista de mesmo nome, resolveram demitir o veterano correspondente de guerra Peter Arnett. A razão: Arnett teria feito declarações inaceitáveis, durante uma entrevista concedida à emissora de televisão iraquiana. Arnett disse aos iraquianos que tinha fracassado o plano inicial de invasão do Iraque, e que o número de mortos civis iria estimular manifestações pacifistas em todo o mundo.

Como explicar a desproporção entre o "crime" e o castigo, ainda mais em um país que se vangloria de preservar a total e absoluta liberdade de expressão e comunicação? A resposta remete a uma árdua discussão sobre o papel dos meios de comunicação no mundo contemporâneo e mais especificamente sobre a função do correspondente de guerra.

A televisão adquiriu um enorme poder de transformar quase tudo em show, espetáculo, diversão. Assim, por exemplo, nos vários episódios de invasões e guerras civis ao longo dos anos 90 (Somália, Haiti e Bósnia, apenas para citar alguns), as câmaras de TV chegaram aos locais de combate antes dos soldados.

Em nossas casas, vemos tudo pela televisão, e temos a impressão de estar testemunhando "a" verdade dos fatos, e não apenas "uma" verdade, isto é, uma simples versão que alguém filmou, editou e veiculou. O imenso poder adquirido pela televisão foi evidenciado durante a primeira Guerra do Golfo, em janeiro de 1991, quando o mundo acompanhou a cobertura da guerra feita pela rede planetária CNN, em tempo real, ao vivo e em cores, 24 horas por dia. X

O âncora da CNN, por coincidência, era Peter Arnett. À época, a rede mostrou ao mundo um espetáculo de vídeo game: "armas cirúrgicas" que, supostamente, não matariam nenhum civil, atravessavam os céus noturnos de Bagdá. Sabe-se, hoje, que pelo menos 200 mil morreram ou foram gravemente feridos na "guerra sem sangue".

Como foi possível à CNN falsificar as imagens e os cenários de uma guerra transmitida ao vivo? E mais: se a televisão adquiriu a capacidade de falsificar uma guerra, o que mais ela pode fazer? O processo é complexo, mas é possível identificar seus dois pilares básicos.

O primeiro, é a construção de uma narrativa que cria e identifica o Bem e o Mal, o Santo e o Pecador.

Assim, no caso da segunda Guerra do Golfo (que não foi guerra, mas um massacre das forças iraquianas pelos Estados Unidos), toda a vez que alguém falava em Saddam Hussein, logo acrescentava o termo "ditador".

Até aí, tudo bem. Só que ninguém fazia questão de lembrar que George Bush é, possivelmente, fraudador de urnas e, certamente, fanático religioso protestante envolvido até o pescoço em escândalos de corrupção.

O segundo pilar é a figura do correspondente.

Com o passar do tempo, os telespectadores se acostumaram a identificar nele uma fonte conhecida de informação, alguém que apresenta explicações em um cenário desconhecido e muito complexo, uma espécie de vizinho honesto e confiável. As emissoras, por sua vez, escolhem os correspondentes mais adequados a esse papel. Eles são "produzidos" como artistas em um show.

Sedução é a palavra chave.

É isso, finalmente, que explica o "crime" de Peter Arnett. Ao dizer algo que não estava de acordo com o consenso formado em torno do Bem e do Mal, ao dizer algo que não estava no roteiro da telenovela criada pelos meios de comunicação, Arnett cometeu uma imperdoável traição.

Gramática da mídia

Na primeira Guerra do Golfo, em 1991, a CNN teve um virtual monopólio de cobertura.

A novidade da segunda Guerra do Golfo foi o surgimento de uma rede global de TV árabe a Al-Jazeera. Essa rede, baseada no Catar, representou o jornalismo independente, fazendo contraponto às americanas CNN e Fox e à britânica BBC.

O contraponto se manifestou no texto: onde a CNN e a BBC diziam "forças da coalizão" (e a Fox, cara de pau, dizia "nós"), a Al-Jazeera dizia "forças lideradas pelos Estados Unidos". Mas a gramática das imagens refletiu ainda melhor a

diferença. CNN, Fox e BBC geravam a esmagadora maioria das suas imagens a partir das unidades militares invasoras e os espectadores ocidentais assistiam aos disparos de obuses, bombas e mísseis contra um "inimigo" invisível.

A Al-Jazeera gerou quase todas as suas imagens a partir de correspondentes nas cidades iraquianas. Os espectadores árabes assistiram o impacto do fogo, proveniente de lugares invisíveis, sobre as vítimas civis.

Jornalistas na cama do Exército, como as prostitutas

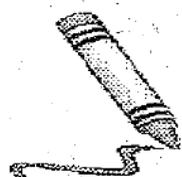
Reproduzimos, em seguida, trechos de um artigo escrito pelo jornalista israelense Uri Avnery, sobre o papel dos jornalistas na cobertura da invasão do Iraque.

Na Idade Média, os exércitos eram acompanhados por grandes quantidades de prostitutas. Na Guerra do Iraque, os exércitos dos Estados Unidos e Grã-Bretanha são acompanhados por grandes quantidades de jornalistas. Criei o termo "prestituição" para denotar os jornalistas que transformam os meios de comunicação em prostitutas. Os médicos estão comprometidos pelo juramento de Hipócrates a salvar vidas na medida do possível. Os jornalistas estão forçados pela honra profissional a dizer a verdade, da maneira como a vêem.

Nunca tantos jornalistas traíram tanto o seu dever como na cobertura da guerra. O pecado original deles foi aceitar o acordo de participar de unidades do exército. O termo americano *embedded* soa como sendo posto na cama (*in bed*) - e a isso corresponde na prática. Um jornalista que aceita a cama de uma unidade do exército se torna um escravo voluntário. É agregado aos subordinados ao comandante, é levado para os lugares que interessam ao comandante, vê e escuta aquilo que o comandante deseja. É pior do que ser um porta-voz oficial do exército, por fingir ser um repórter independente. O problema não é você só ver uma fração pequena do grande mosaico da guerra, mas sim transmitir uma visão falsa daquela pequena fração.

Atividade no Laboratório de Informática (English)

- 4- Digite no Google: Dia de São Valentim nos USA ;
- 5- Entre em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_dos_Namorados;
- 6- Escreva em seu caderno sobre:
 - O que é comemorado nessa data?
 - Como surgiu? Qual a história?



Name: _____

Colors

m	r	x	b	l	f	u	g	b	c	b	d
z	i	x	f	m	o	u	h	q	n	b	w
k	o	r	a	n	g	e	a	t	o	d	z
p	r	s	r	e	q	b	r	o	w	n	i
r	c	p	e	c	o	q	n	k	t	h	b
v	t	i	d	w	d	m	c	g	q	t	l
h	t	n	n	z	w	h	i	t	e	o	a
g	d	k	q	z	u	q	k	b	s	n	c
g	r	e	e	n	o	f	f	b	m	l	k
c	i	q	e	n	y	e	l	l	o	w	v
j	p	z	d	g	y	d	i	k	d	y	z
x	b	l	u	e	w	y	q	q	j	r	v

green
blue
red

yellow
orange
white

black
brown
pink

131 Read about places in New York City and write the correct headings for each text.

Statue of Liberty • The Museum of Modern Art • Central Park • Bronx Zoo • American Museum of Natural History • Brooklyn Children's Museum



- a. If you like modern art you'll love this museum: artists as famous as Van Gogh, Picasso, and Andy Warhol, thousands of beautiful works of art at the MoMA.
-
- b. This is not a museum. The animals here are alive and (practically) free! We are the largest urban zoo in the United States. Elephants, tigers, zebras, gorillas, right in front of you! Over 4,000 animals waiting for your visit.
-
- c. This is a large, public, urban park in the center of Manhattan, New York City. It is one of the most visited parks in the world and it is open all year.
-
- d. Located in New York Harbor, this famous statue was a gift of international friendship from the people of France to the people of the United States.
-
- e. If you like dinosaurs, space shows, fantastic animals, physical sciences, robots in space, reptiles, amphibians, everything about nature and life, come and visit this fantastic museum.
-
- f. Adults, out! This museum is not for you, this museum is for kids!
-

Escola Municipal Nova Conquista

Teacher: Suellen Série: _____

Student: _____

Palavras em inglês utilizadas no Mundo da
informação

a) Alguns substantivos

backup = arquivo que contém cópia de segurança de outro arquivo

bit *bi(nary digit)* [dígito binário] = quantidade mínima de informação que pode ser transmitida por um sistema

boot = operação que inicializa o funcionamento

browser = navegador, programa de busca na Internet

byte = seqüência de 8 bits, considerada unidade básica

bug = erro ou mau funcionamento de um programa

chip = pastilha, placa minúscula de material de condução elétrica usada em circuitos integrados

drive = unidade de disco

driver = programa que gerencia a entrada e/ou saída de dados

electronic mail ou **e-mail** = correio eletrônico

game = jogo, particularmente jogo eletrônico

gate = portão, lugar de entrada de dados, etc.

hacker = gênio em computação que consegue penetrar em outros computadores ou sistemas

hard disk = disco rígido, disco duro

hardware = componentes físicos do computador

homepage = espaço reservado na Internet

joystick = dispositivo manual para operar alguns jogos eletrônicos

led = luzinha colorida no computador;

line = linha

link = ligação com outras *homepages*

modem *mod(ulation)/dem(odulation)* = dispositivo que converte dados eletrônicos nos sentidos de ida e volta

mouse (camundongo) = dispositivo para executar diversas operações com o computador

no-break (não-interrompe) = dispositivo para manter o fluxo de eletricidade

on-line = ligado (o aparelho), estar na linha

off-line = desligado (o aparelho), fora da Internet

output = produção, saída (de dados)

path = caminho (itinerário usado no processamento de dados)

site = sítio, espaço reservado na Internet

scanner = dispositivo para cópia de documentos

software = programas e dispositivos com os que opera o computador

web = rede, por antonomásia a Internet.

b) Alguns verbos:

attach = anexar (documento com dados)

delete = apagar, remover (material escrito em disco)

download = baixar (material da Internet)

reset = reiniciar (o computador)

c) Algumas siglas:

CD (*Compact Disk*) = disco compacto (contém material sonoro)

CD-ROM (*Compact Disk Read Only Memory*) = disco que também pode conter material visual (multimídia)

CPU (*Central Process Unit*) = Unidade central de processamento

HD (*Hard Disk*) = disco rígido, disco duro, *whinchester*

PC (*Personal Computer*) = computador pessoal, micro

URL (*Universal Resource Locator*) = localizador universal de recursos

WWW (*World Wide Web*) = rede de toda a teia de âmbito mundial, Internet

Jobs & occupations

